

NO DESIGN E NO GRAU TECNOLÓGICO: PERFIL E ASPECTOS DA FORMAÇÃO EM MODA NO BRASIL

*In the Design Area and at Technological Degree: Profile and Aspects of Fashion
Undergraduate in Brazil*

Baggio, Adriana Tulio; PhD; Universidade Tecnológica Federal do Paraná;
Centro de Pesquisas Sociosemióticas (PUC-SP), atbaggio@gmail.com¹

Resumo: O artigo apresenta um perfil quantitativo da graduação em moda no Brasil em 2016 e as mudanças neste perfil de 2000 a 2015. Hoje a maioria dos cursos é de Design de Moda e de grau tecnológico, mas já foi de Moda e de bacharelado. Dentre as causas desta mudança podem estar a assertividade da oferta de cursos tecnológicos e uma proposta curricular mais acessível.

Palavras chave: Design de Moda; cursos tecnológicos; perfil quantitativo.

Abstract: This paper presents a quantitative profile of Brazilian fashion undergraduate courses in 2016 and its changes from 2000 to 2015. Most of the courses today are "Fashion Design" in technological degree, but first they were most "Fashion" in bachelor degree. Some causes of this change can be the assertiveness of technological courses and their more accessible curriculum.

Keywords: Fashion Design; technological undergraduate; quantitative profile.

Introdução

Uma análise quantitativa da ocorrência de nomes de cursos universitários consultados em bases de dados oficiais pode oferecer informações relevantes sobre os campos de estudo e de trabalho relacionados a este curso? A resposta parece ser afirmativa quando se observa a predominância de uma denominação específica entre os cursos superiores de moda no Brasil, constatada a partir de um

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica. Bolsista de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da UTFPR. Pesquisadora do Centro de Pesquisas Sociosemióticas da PUC-SP. Desenvolve pesquisas nas áreas de comunicação, semiótica, gênero e moda.

levantamento realizado em dezembro de 2016 para a Abepem – Associação Brasileira de Estudos e Pesquisa em Moda (BAGGIO, 2017, p. 45-46).

Alguns dados deste levantamento foram publicados no livro *A economia da moda*, de Enrico Cietta, e mostram que o nome predominante é Design de Moda; tais cursos são ofertados, em sua maioria, no grau acadêmico tecnológico. Isso destoa do que se verifica no contexto geral do ensino superior no Brasil, em que os bacharelados são 56,6%, as licenciaturas correspondem a 23,9% e os tecnológicos aos 19,5% restantes. (INSTITUTO..., 2016, p. 13).

O que mais podem dizer as estatísticas e os documentos oficiais da educação no Brasil sobre a formação superior em moda? O artigo responde esta questão traçando um perfil quantitativo desta formação, baseado em dados disponibilizadas pelo Ministério da Educação. Para isso, apresento e comento alguns aspectos do levantamento de 2016 da Abepem, realizado a partir do sistema e-MEC – Cadastro de Instituições e Cursos de Educação Superior, e trago resultados de um novo levantamento, feito especificamente para este trabalho, com base nos dados do Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

O artigo propõe-se também a estabelecer relações entre os números e as decisões governamentais sobre o ensino superior no Brasil, especialmente na área da moda. A tese de doutorado de Cyntia Tavares Marques de Queiroz (2014), "Do estilismo ao design: Os currículos do bacharelado em moda da Universidade Federal do Ceará", oferece inestimáveis contribuições nesse sentido.

Um dos possíveis fatores relacionados à predominância do nome de curso Design de Moda foi apresentado nesta tese: a decisão do Ministério da Educação pelo 'enquadramento da Moda ao Design' (QUEIROZ, 2014, p. 16-17). Com isso, o bacharelado em Moda passou a ser uma habilitação ou ênfase do curso de Design, o que afetou a organização curricular e talvez tenha estimulado a oferta de cursos em um grau acadêmico que facilitasse sua aprovação e reconhecimento. Acredito, porém, que outros fatores também podem ter contribuído para a predominância da denominação Design de Moda, e proponho aqui algumas hipóteses adicionais.

O percurso destas discussões inicia pela descrição do levantamento de

2016; em seguida, apresento as mudanças no perfil quantitativo da formação superior em moda conforme os dados do Inep; por fim, exploro os graus acadêmicos dos cursos de moda, com destaque para o grau tecnológico.

Perfil da formação superior em moda no Brasil

Como já informado, o levantamento das escolas superiores em moda no Brasil, realizado em 2016 para a Abepem, foi feito pelo e-MEC, que é a base oficial e única relativa às informações das instituições de ensino superior e cursos de graduação no Brasil (e-MEC, 2017). A pesquisa no sistema utilizou a ferramenta "Consulta Avançada" e a "Busca por Curso de Graduação" foi feita com o termo "moda". Nenhum filtro foi marcado, já que o objetivo era obter todos os cursos, de todo o país, das modalidades presencial e a distância e nos graus bacharelado, licenciatura, tecnológico e sequencial. Os dados resultantes foram conferidos individualmente, mostrando entradas repetidas e cursos extintos, que foram desconsiderados. Em um segundo momento, todos os cursos foram verificados nos sites das respectivas IES. Se constassem como "em funcionamento", eram contabilizados.

No e-MEC, os cursos à distância aparecem em todas as unidades da federação que tenham polos deste curso. Sendo assim, um mesmo curso EAD foi contabilizado como 27 cursos, ou seja: um curso para cada um dos 26 estados e mais um para o Distrito Federal. A distribuição dos cursos por unidades da federação pode ser consultada no já mencionado livro de Enrico Cietta.

O levantamento mostra a existência de 180 cursos superiores em moda no país. Destes, 85% chamam-se "Design de Moda". Se considerarmos outras denominações que incluem o termo "design" (Design de Moda – Estilismo; Design de Moda – Modelagem; Design de Moda e Vestuário; Moda e Design; Moda, Design e Estilismo), a participação sobe para 88%. O segundo nome mais frequente é "Moda", com pouco mais de 10% de ocorrência. Os outros nomes de cursos encontrados foram "Negócios da Moda"; "Têxtil e Moda"; "Produção Têxtil".

Levando em conta o grau acadêmico, notamos que 70% são tecnológicos e 30% são bacharelados (o levantamento não encontrou licenciaturas ou sequenciais). E quando cruzamos as variáveis nome do curso e grau acadêmico surge um perfil interessante: mais de 81% (123) dos cursos chamados "Design de Moda" são tecnológicos. Já dentre os 19 que se chamam "Moda", 18 são bacharelados. Como foi observado, esta distribuição destoa da proporção de graus acadêmicos no ensino superior no país como um todo.

Se os dados do e-MEC são um retrato relativamente atual da formação superior em moda, os dados dos Censos realizados pelo Inep podem mostrar o percurso desta formação até os dias de hoje.

Percurso da formação superior em moda no Brasil segundo o Inep

O Censo da Educação Superior é realizado anualmente pelo Inep. Os dados oriundos deste censo estão disponíveis na página do Instituto na internet em diversas configurações: como microdados brutos, que podem ser cruzados de acordo com os interesses do pesquisador; em sinopses estatísticas, que apresentam estes dados já organizados em planilhas temáticas; e os resumos técnicos, que relatam os principais resultados do Censo levando em conta os pedidos de informação mais frequentes (INSTITUTO..., 2015a).

O levantamento foi feito com base nas sinopses estatísticas, que são produzidas desde 1995 (INSTITUTO..., 2015b). A partir do ano 2000, o Inep passou a adotar a tabela da Classificação Internacional Eurostat/Unesco/OCDE para os cursos superiores. Esta inovação foi importante na medida em que '[...] a flexibilidade da tabela permite maior adaptabilidade às características e variedades dos nossos cursos superiores, bem como a comparabilidade internacional das estatísticas educacionais brasileiras' (CASTRO, 2001, p. 6). Diante disso, optei por iniciar o levantamento a partir da sinopse do ano 2000.

Até o Censo de 1999 a classificação de cursos superiores tomava por base a tabela por área do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

Tecnológico. O curso de Moda fazia parte da área de Ciências Sociais Aplicadas (INSTITUTO..., 2000, p. 99). Na classificação internacional OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, os cursos recebem um código para áreas gerais e específicas de formação, o mesmo utilizado por outros organismos internacionais.

No Manual de Classificação traduzido e adaptado pelo Inep encontramos os cursos relacionados à indústria da moda, bem como suas áreas gerais e específicas de formação (Quadro 1).

QUADRO 1 – Cursos relacionados à indústria da moda: classificação OCDE/Inep

Área geral/Área específica/Área detalhada			Cursos
2 – Humanidades e Artes	21 – Artes	212 – Música e artes cênicas	212A02 Artes cênicas - indumentária 212M01 Modelos de moda / manequins (top models)
		214 – Design e estilismo	214D02 Desenho de moda 214E01 Estilismo 214F01 Figurinos 214M01 Moda 214M02 Modelagem 214V01 Vitrines
3 – Ciências sociais, negócios e direito	34 – Comércio e administração	345 – Gerenciamento e administração	345G19 Gestão da produção de vestuário
5 – Engenharia, produção e construção	54 – Produção e processamento	542 – Têxteis, roupas, calçados, couros	23 cursos. Por questão de espaço não foram incluídos neste quadro, mas podem ser consultados no Manual.

FONTE: Adaptada de EUROSTAT; UNESCO; OCDE (2000).

O manual de classificação serve tanto para apresentar os cursos já existentes e indicar as áreas que devem agrupá-los quanto para orientar a classificação de novos cursos pelas IES. A área geral ou área de formação corresponde ao conteúdo temático de um curso superior, e o principal critério de aproximação dos cursos aos conteúdos temáticos é o conteúdo teórico (EUROSTAT; UNESCO; OCDE, 2000, p. 7). No caso dos cursos Desenho de Moda, Estilismo e Moda, o conteúdo temático que os une está relacionado ao design e ao estilismo, subárea assim descrita:

Design e Estilismo (concepção, criação, conforme a área de atuação) trata da utilização criativa de linhas, formas e tecidos na concepção e na produção de vestuário, roupas de moda, produtos industriais e decoração de interiores (EUROSTAT; UNESCO; OCDE, 2000, p. 17-18).

Também fazem parte desta subárea os cursos de Design, Desenho Industrial (artístico) e Projeto de Produto. Portanto, em 2004, quando o Ministério da Educação "enquadra" a Moda como ênfase ou habilitação dos cursos de Design (CONSELHO..., 2004), desconsidera o protagonismo que os cursos de Desenho de Moda, Estilismo, Moda e Modelagem tinham no escopo da classificação da OCDE como cursos independentes. De certa forma, a se levar em conta a descrição acima, aspectos da moda têm mais representatividade do que aqueles do design "geral" ou de suas variações. Por outro lado, a aproximação concretizada pelo "enquadramento" já estava ensejada nesta classificação.

Levantamento dos cursos de moda com base no Censo do Inep

As sinopses estatísticas do Inep trazem planilhas com diversos tipos de cruzamentos de informações sobre IES, cursos, docentes, discentes e muitas outras variáveis. Tais planilhas não mostram, no entanto, a distribuição de cursos por grau acadêmico. Este cruzamento pode ser feito com análise dos microdados por meio de *softwares* específicos – recurso que esta pesquisadora não possuía na ocasião de elaboração deste artigo. O levantamento consistiu então na consulta das sinopses de 2000 a 2015 e na contagem dos cursos relacionados à moda que apareciam nestas sinopses, dando origem à tabela 1.

O curso de Modelagem aparece uma única vez no Censo, em 2009. O curso de Estilismo é ofertado todos anos até 2009 (no levantamento de 2016 aparecem os bacharelados Design de Moda – Modelagem e Design de Moda – Estilismo). O curso de Gestão do Vestuário ocorre de 2003 a 2006, depois novamente apenas em 2015. Quanto aos cursos alocados em Engenharia, Produção e Construção/Têxteis, Roupas, Calçados e Couro, há uma ocorrência

difusa de vários deles até fins da primeira década do ano 2000, com um pico de oferta em 2009 – 23 cursos. A partir de 2010 os cursos desta área se estabilizam em três ofertas: Engenharia Têxtil, Indústria do Vestuário e Indústria Têxtil. Não apareceram cursos na modalidade EAD neste período.

Tabela 1 – Oferta de cursos relacionados à moda no Brasil (2000 a 2015)

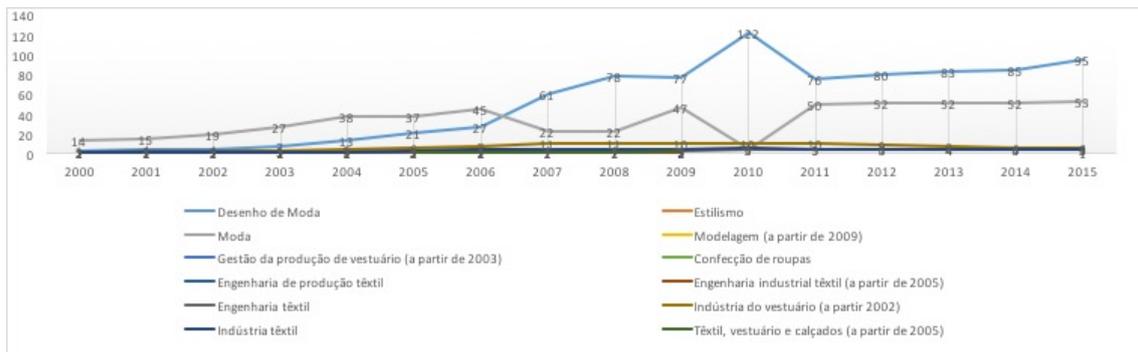
Sub-área e curso	Ano 20...															
	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15
Design e Estilismo	19	20	24	35	52	61	76	84	101	128	127	126	132	135	137	148
Desenho de Moda	3	4	4	7	13	21	27	61	78	77	122	76	80	83	85	95
Estilismo	2	1	1	1	1	3	4	1	1	3						
Moda	14	15	19	27	38	37	45	22	22	47	5	50	52	52	52	53
Modelagem										1						
Gerenciamento e Administração	0	0	0	1	1	2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Gestão da produção de vestuário				1	1	2	3									1
Têxteis, Roupas, Calçados e Couro	5	6	9	9	12	15	16	19	19	23	21	20	18	16	15	16
Confecção de roupas	1	1	1	1	1	1				1						
Engenharia de produção têxtil	1	1	1	1	1	1	1									
Engenharia industrial têxtil						1	1	1	1	2						
Engenharia têxtil	2	3	3	3	3	2	2	2	2	3	5	5	4	4	5	5
Indústria do vestuário			2	3	5	6	7	11	11	10	10	10	9	8	6	6
Indústria têxtil	1	1	2	1	2	3	4	4	4	4	6	5	5	4	4	5
Têxtil, vestuário e calçados						1	1	1	1	3						

FONTE: Elaborada pela autora com base em dados de INSTITUTO... (2015b).

Quanto aos cursos da subárea Estilismo e Design, observe-se também a expressão visual de sua distribuição no decorrer deste período de 16 anos (Gráfico 1). Considerando os dois mais representativos – Moda e Desenho de Moda (entendido aqui como um outro nome para Design de Moda) – como um conjunto, percebe-se que, até 2003, Desenho de Moda tinha participação menor neste conjunto, entre 17% e 20%. Em 2004 essa participação sobe para 25% e, em 2005, alcança os 36%. Este aumento coincide com o período em que as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Graduação em Design são aprovadas pelo Ministério da Educação (CONSELHO..., 2004). A partir daí, [...] os bacharelados em Moda, que até então possuíam uma infinidade de nomenclaturas distintas, passaram a pertencer à área do Design, enquanto os tecnológicos utilizaram o termo Design

de Moda' (QUEIROZ, 2014, p. 95).

Gráfico 1 – Oferta de cursos relacionados à moda no Brasil (2000 a 2015)



FONTE: Elaborado pela autora com base em dados de INSTITUTO... (2015b).

A regulamentação dos tecnológicos parece ser mais um fator relacionado ao grande salto na oferta de cursos de Design de Moda que acontece de 2006 para 2007. É neste período que a proporção se inverte e estes aparecem em maior quantidade que os de Moda. Mas não há apenas a "substituição" de um curso por outro, e sim um aumento efetivo no total de cursos de moda².

A predominância do Design de Moda atinge seu ápice em 2010 e, depois disso, a relação volta aos patamares dos anos pós-Resolução, com o curso de Moda representando entre 35% e 39% do conjunto. No Censo de 2015, o mais recente, os cursos de Moda são pouco mais de 35% do conjunto. No levantamento de 2016, feito pelo e-MEC, os cursos de Moda são aproximadamente 10% do total.

Como já justificado anteriormente, esta análise não identifica o grau acadêmico dos cursos. No entanto, se a oferta majoritária de cursos tecnológicos de Design de Moda constatada em 2016 tiver sido uma tendência a partir da regulamentação da graduação tecnológica em 2006 – de fato, Queiroz também

² Não se sabe, também, se a partir de 2004 os bacharelados em Design de Moda passaram a ser cadastrados nos sistemas do Inep como cursos de Design que teriam ênfase em Moda, ou se efetivamente foram cadastrados com o termo Moda junto a Design, resultando nas quantidades apresentadas por este levantamento. Queiroz observa que 'Os cursos de bacharelado devem se chamar Design, e os cursos tecnológicos Design de Moda. Por questões diversas, cujas razões desconhecemos, há bacharelados denominados Design de Moda' (2004, p. 81, nota 18).

observa essa predominância, nos anos de 2011 e 2014, tomando por base o e-MEC (2004, p. 97) –, pode-se supor que boa parte dos cursos de Design de Moda contabilizados na tabela 1, no decorrer dos anos, seja deste grau.

Esta inversão da predominância de Moda para Design de Moda – que no levantamento deste artigo é identificada a partir de 2007 e que Queiroz localiza em 2011 (2014, p. 98) –, pode ser compreendida por diversos fatores, dentre eles:

[...] como uma resposta a um suposto aumento da demanda do mercado por este profissional mais tecnicista, mas, em alguns casos, como uma fuga aos exames do ENADE que, desde 2006, trazem questões predominantemente do campo do Design. [...] Os cursos tecnológicos, por outro lado, são submetidos a provas com questões específicas de produtos têxteis e de vestuário (QUEIROZ, 2014, p. 98).

No entanto, a substituição de um bacharelado por um tecnológico teria uma conotação negativa, podendo significar um retrocesso para a instituição. A solução estaria na abertura adicional de um tecnológico (QUEIROZ, 2014, p. 100). De acordo com o e-MEC, o Unicesumar – Centro Universitário de Maringá, por exemplo, oferece um bacharelado presencial em Moda e um tecnológico a distância em Design de Moda, isso não significando que seja a mesma motivação exposta acima.

As mudanças na legislação e na forma de avaliação dos cursos discutidas até agora parecem explicar a maior parte dos movimentos observados no gráfico 1, exceto pela grande disparidade observada unicamente em 2010, e que não se mantém nos anos seguintes. Seria essa disparidade uma questão de critérios de cadastramento? Ou outro fator?

Os cursos de moda tecnológicos

Cyntia Queiroz mostra em sua pesquisa a existência de correntes que aprovam a inclusão da moda no curso de Design e outras que consideram necessária sua independência como campo científico. Essa discussão ocorre em relação ao bacharelado. De fato, o documento intitulado “Proposta de Diretrizes Curriculares para os cursos Superiores de Moda”, enviado ao Ministério da Educação em 1998 em resposta à consulta pública aberta em 1997, sobre o

enquadramento dos cursos de moda ao Design, defende não só a independência do campo como a oferta do curso no grau de bacharelado, '[...] sob risco de não propiciar uma formação adequada às exigências de um mercado extremamente competitivo' (SANTA MARCELINA apud QUEIROZ, 2014, p. 94).

Quando a proposta dá destaque ao bacharelado, provavelmente o faz em detrimento de cursos técnicos ou tecnológicos, e não em detrimento da licenciatura. A oferta de dois cursos de licenciatura em 2011, indicada por Queiroz em sua tese, é vista pela pesquisadora como sinal de '[...] uma preocupação positiva, mas ainda muito tímida, em formar profissionais para atuar neste cenário de expansão da formação em Moda' (2014, p. 97). No levantamento de 2016, a plataforma e-MEC mostrava um curso de licenciatura em Moda, mas extinto. Em vista disso, não foi contabilizado. Porém, no momento em que este artigo foi escrito, ocorria o lançamento do curso de pós-graduação *lato sensu* "Ensino de Moda: Didática e Práticas Pedagógicas", oferecido em parceria pela Abepem e pelo Unifebe – Centro Universitário de Brusque (SC).

Visto que o curso denominado apenas "Moda" ainda resiste no bacharelado – ao menos nos levantamentos aqui apresentados – mesmo mais de uma década após a resolução que o "enquadra" no Design, supõe-se que o embate entre o enquadramento e a independência continua ativo. A oferta de cursos de moda em grau tecnológico, regulamentada de forma precisa desde o início, tem a característica – que pode ser tanto uma vantagem como uma desvantagem – de não levantar tais discussões. As orientações são bem delimitadas e claras. Se isso deixa pouca margem para adaptações, por outro lado facilita a implantação. Parece ser uma proposta mais estável e assertiva, como mostram os catálogos de cursos tecnológicos publicados até agora.

Em 2006, o Decreto nº 5.773, que 'dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino', determina que 'o reconhecimento e a renovação de reconhecimento de cursos superiores de tecnologia terão por base **catálogo de denominações de cursos** publicado pela

Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica' (BRASIL, 2006, grifo meu).

O primeiro catálogo foi publicado em 2006³, com a função de organizar e orientar '[...] a oferta de Cursos Superiores de Tecnologia, inspirado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Tecnológico e em sintonia com a dinâmica do setor produtivo e os requerimentos da sociedade atual' (HADDAD, 2006, p. 7). A ideia é que todos os cursos tecnológicos sigam as orientações deste documento, ainda que sejam permitidas algumas adaptações regionais.

Este primeiro catálogo apresenta 98 graduações distribuídas em 10 eixos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006). São três os cursos relacionados à indústria da moda: Produção de Vestuário e Produção Têxtil, incluídos no eixo Produção Industrial e com carga mínima de 2.400 horas; e Design de Moda, incluído no eixo Produção Cultural e Design e com carga mínima de 1.600 horas.

Posteriormente foram publicadas duas outras edições, em 2010 (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010) e em 2016 (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2016), com atualização da quantidade de eixos e cursos e revisão dos descritores. Em 2010, os eixos sobem para 13 e os cursos para 113; em 2016 permanecem os 13 eixos e os cursos aumentam para 134. Não há inclusão de outros cursos do setor da moda, além dos já mencionados, e nem há alteração dos eixos em que estes cursos estão alocados. Há sim uma atualização nos descritores do curso de Design de Moda no decorrer das edições, mas antes de tratar delas vale observar a descrição do eixo em que o curso se enquadra, na edição de 2016:

O eixo tecnológico de PRODUÇÃO CULTURAL E DESIGN compreende tecnologias relacionadas com representações, linguagens, códigos e projetos de produtos, mobilizadas de forma articulada às diferentes propostas comunicativas aplicadas. Abrange criação, desenvolvimento, produção, edição, difusão, conservação e gerenciamento de **bens culturais e materiais**, ideias e entretenimento aplicadas em multimeios, objetos artísticos, rádio, televisão, cinema, teatro, ateliês, editoras, vídeo, fotografia, publicidade e projetos de

³ Recorde-se o aumento dos cursos de Design de Moda entre 2006 e 2007 (tabela 1). Os dados não informam se o curso é bacharelado ou tecnológico, mas a regulamentação destes últimos em 2006 sugere que parte deste aumento seja fruto da oferta de tecnológicos.

produtos industriais (MINISTÉRIO..., 2016, p. 98, grifo meu).

Gostaria de destacar aqui a visão da moda, junto a outros produtos, como um bem cultural e material (note-se o uso do "e", não do "ou"), ou seja, um produto híbrido (CIETTA, 2017), cujas dimensões cultural e manufatureira possuem a mesma importância. Enquanto a subárea de Design e Estilismo da classificação OCDE – que parametriza os cursos no Inep em qualquer grau acadêmico – fala em "criação e concepção", a descrição do eixo em que está o Design da Moda, específica dos cursos tecnológicos, aborda, além da criação, a questão da produção e do gerenciamento. No entender de Enrico Cietta, estas são competências indispensáveis: não se pode esquecer que

[...] a criatividade distribuída já é uma realidade na indústria da moda e que ela opera transversalmente às funções e conseqüentemente à organização empresarial. Temos necessidade então de dar maior atenção às funções empresariais que por anos foram negligenciadas (CIETTA, 2017, p. 48).

Voltando aos descritores do curso de Design de Moda, observe-se os textos das edições de 2006, 2010 e 2016 do catálogo (quadro 2):

Quadro 2 – Descritores do perfil profissional do concluinte do curso de Design de Moda no Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia (2006, 2010, 2016)

Catálogos de 2006 e 2010 (mesmo texto)	Catálogo de 2016
'O Tecnólogo em Design de Moda elabora e gerencia projetos para a indústria de confecção do vestuário, considerando fatores estéticos, simbólicos, ergonômicos e produtivos. A pesquisa de tendências de comportamento, cores, formas, texturas e acabamentos; o estilismo em moda; o desenvolvimento de produtos de moda aplicando visão histórica, sociológica e prospectiva; a elaboração de portfólios e dossiês; a representação gráfica de suas criações; a elaboração de protótipos e modelos, além da análise de viabilidade técnica do projeto, são algumas das atividades deste profissional' (MINISTÉRIO, 2006, p. 41; MINISTÉRIO, 2010, p. 86).	'Cria e desenvolve produtos para a indústria da moda. Analisa e aplica fatores estéticos, simbólicos, ergonômicos, socioculturais e produtivos. Realiza pesquisa de moda. Planeja, gerencia e articula coleções de moda com processos de fabricação, matérias-primas e viabilidade técnica e sustentável. Elabora protótipos, modelos, croquis, fichas técnicas e portfólios com uso de técnicas diferenciadas de expressão gráfica. Avalia e emite parecer técnico em sua área de formação' (MINISTÉRIO, 2016, p. 103).

FONTE: adaptado de MINISTÉRIO, 2006; MINISTÉRIO, 2010; MINISTÉRIO, 2016.

Os descritores são os mesmos em 2006 e 2010, mas mudam em 2016. A expressão "indústria de confecção do vestuário" é substituída por "indústria da moda"; a pesquisa de tendências, de comportamento e de materiais vira "pesquisa de moda"; aparecem de forma mais explícita as competências de planejamento e gerenciamento de produção, que são apenas sugeridas nos descritores anteriores.

Se as especificidades dos primeiros itens são substituídas pela expressão mais geral de moda, talvez haja uma intenção de mostrar uma ampliação da área de atuação deste profissional ou de deixar espaço para a flexibilização da oferta por parte das IES. Por outro lado, a especificidade das competências de produção, incluindo a preocupação com a sustentabilidade, mostra uma visão de que a criação não pode estar dissociada da compreensão da cadeia produtiva como um todo.

Os ajustes são poucos e ocorrem após dez anos de "estabilidade" dos descritores anteriores. O que isso pode significar, considerando também o aumento dos cursos de moda no Brasil? Será que a formação em moda predominantemente no grau acadêmico tecnológico e embasada pelo aporte teórico e temático do design tem sido uma estratégia bem-sucedida?

Considerações finais

Como disse na introdução, um dos objetivos deste artigo foi apresentar dados de uma pesquisa quantitativa sobre cursos de moda no Brasil realizada em 2016 e parcialmente publicada em livro, ampliando seu alcance. Uma utilidade adicional desta apresentação está na explicitação dos procedimentos metodológicos. Tais procedimentos mostram que, apesar de acessíveis, os dados da plataforma e-MEC precisam ser observados atentamente e comparados a outras fontes, devido à inconsistência entre o que está cadastrado e a oferta real dos cursos. Essa ressalva não tira nem a validade e nem a importância desta base de dados, que pode contribuir muito tanto para estudos acadêmicos quanto para a orientação de políticas públicas e, por que não, para o planejamento estratégico e de marketing das IES.

O segundo objetivo do artigo foi aprofundar a pesquisa quantitativa com dados do Inep e verificar a relação destes números com as mudanças no ensino superior de moda no período investigado. A tese de Cyntia Queiroz ofereceu informações fundamentais para uma discussão mais qualificada destes resultados. Agradeço à Kathia Castilho pela indicação do trabalho.

Quanto aos possíveis motivos para a predominância dos cursos tecnológicos em Design de Moda, além dos fatores já apresentados, gostaria de levantar uma outra hipótese: a de que a diminuição do foco no caráter artístico e quase genial da criação de moda e o aumento dos aspectos de fundamentação teórica e técnica podem estar atraindo mais interessados. Ou seja, o aumento do interesse não teria a ver apenas com cursos mais rápidos, mais "baratos"(?) e mais curtos, mas também com uma "democratização" do campo de conhecimento e do acesso a este setor cada vez mais importante na economia brasileira.

Estas e outras discussões aqui apresentadas podem já estar muito mais adiantadas entre as e os especialistas da educação em moda. Ainda assim, espero que o artigo possa oferecer alguma contribuição para estes debates.

Referências

BAGGIO, Adriana Tulio. Levantamento de cursos superiores em moda no Brasil. In: CIETTA, Enrico. **A economia da moda**: porque hoje um bom modelo de negócios vale mais do que uma boa coleção. Tradução Adriana Tulio Baggio. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017, p. 45-46.

BRASIL. Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006. **Ministério da Educação**, Brasília, 10 maio 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/rede/legisla_rede_dec5773.pdf. Acesso em: 10 jul. 2017.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. Apresentação. In: INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Sinopse estatística da educação superior – 2000**. Brasília: O Instituto, 2001.

CIETTA, Enrico. **A economia da moda**: porque hoje um bom modelo de negócios vale mais do que uma boa coleção. Tradução Adriana Tulio Baggio. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução nº 5, de 8 de março de 2004. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design e dá outras providências. **Ministério da Educação**, Brasília, 8 mar. 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05_04.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2017.

E-MEC. **Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados**. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

EUROSTAT; UNESCO; OCDE. **Classificação Internacional**: Área de Formação e Treinamento. Manual de Classificação. Tradução e adaptação: INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. Brasília: O Instituto, 2000. (Texto original publicado em 1999).

HADDAD, Fernando. Apresentação. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia**. 1. ed. Brasília: O Ministério, 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Sinopse estatística do ensino superior**: graduação 1999. Brasília: O Instituto, 2000.

_____. **Censo da Educação Superior**. Brasília, 20 out. 2015a. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/censo-da-educacao-superior>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

_____. **Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação**. Brasília, 20 out. 2015b. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

_____. **Resumo técnico**: Censo da educação superior 2014. Brasília: O Instituto, 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia**. 1. ed. Brasília: O Ministério, 2006.

_____. **Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia**. 2. ed. Brasília: O Ministério, 2010.

_____. **Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia**. 3. ed. Brasília: O Ministério, 2016.

QUEIROZ, Cyntia Tavares Marques de. **Do estilismo ao design**: Os currículos do bacharelado em moda da Universidade Federal do Ceará. 2014. 197f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2014.